



Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 6

Marcos William Kaspchak Machado
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2019

Marcos William Kaspchak Machado

(Organizador)

Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 6

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I34 Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas
6 [recurso eletrônico] / Organizador Marcos William Kaspchak
Machado. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. –
(Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-166-4

DOI 10.22533/at.ed.664191103

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.
I.Machado, Marcos William Kaspchak. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “*Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3*” aborda uma série de capítulos de publicação da Atena Editora, subdivididos em 4 volumes. O volume VI apresenta, em seus 31 capítulos, um conjunto de estudos acerca do papel político, histórico, urbanístico e geográfico nas modificação e construção dos espaços sociais modernos.

As áreas temáticas da ciência política e histórica nos faz entender o papel dos agentes públicos na construção social, bem como as modificações ativas, muitas vezes influenciadas por estas políticas, nos ambientes geográficos e urbanísticos atuais.

O contexto social contemporâneo é um reflexo das ações direcionadas pelas políticas de desenvolvimento regional e sustentável. Além das iniciativas estatais, observamos o papel da cooperação social no desenvolvimento regional e na formação de novas estruturas sociais e urbanísticas.

Por estes motivos, o organizador e a Atena Editora registram aqui seu agradecimento aos autores dos capítulos, pela dedicação e empenho sem limites que tornaram realidade esta obra que retrata os recentes avanços inerentes ao tema.

Por fim, espero que esta obra venha a corroborar no desenvolvimento de conhecimentos e novos questionamentos a respeito do papel transformador da educação, e auxilie os estudantes e pesquisadores na imersão em novas reflexões acerca dos tópicos relevantes na área social.

Boa leitura!

Marcos William Kaspchak Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DA RETÓRICA À ERÍSTICA DOS DISCURSOS DA SEPARAÇÃO DOS PODERES	
Álvaro Jáder Lima Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.6641911031	
CAPÍTULO 2	18
LEVANTAMENTO DO IMPACTO DA POLÍTICA PÚBLICA DE MICROCRÉDITO RURAL NO TERRITÓRIO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
João Batista de Oliveira	
Monica Aparecida Tomé Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.6641911032	
CAPÍTULO 3	29
CONSTRUÇÕES MITOLÓGICAS NA POLÍTICA: A DISPUTA PAULISTANA ENTRE PSDB x PT NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2016	
Aryovaldo de Castro Azevedo Junior	
Fabio Caim Viana	
Hertz Wendel de Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.6641911033	
CAPÍTULO 4	44
OLIVA ENCISO: A PRIMEIRA DEPUTADA DE MATO GROSSO	
Dayane Freitas de Lourdes	
DOI 10.22533/at.ed.6641911034	
CAPÍTULO 5	61
ASSOCIATIVISMO, PARTICIPAÇÃO E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NO ESPÍRITO SANTO	
Anselmo Hudson Nascimento Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.6641911035	
CAPÍTULO 6	77
REFLEXÕES SOBRE TECNOLOGIAS SUSTENTÁVEIS VOLTADAS PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL NO NORDESTE PARAENSE	
Suellen Lemes Freire Santos	
Márcia Brito da Silva	
Rosana Cardoso Rodrigues da Silva	
Romier da Paixão Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.6641911036	
CAPÍTULO 7	84
A DINÂMICA DO COMÉRCIO VAREJISTA DE PAU DOS FERROS NO ÂMBITO DO CRESCIMENTO DAS CIDADES: APRECIÇÕES	
Ana Paula de Queiroz	
Franciclécia de Sousa Barreto Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6641911038	

CAPÍTULO 8	100
OBSERVATÓRIO GEOGRÁFICO DA FRONTEIRA SUL: UMA PLATAFORMA DE ACESSO ÀS INFORMAÇÕES REGIONAIS	
Juçara Spinelli Leonardo Mancia Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.6641911038	
CAPÍTULO 9	111
MEIO AMBIENTE E SAÚDE: UMA RELAÇÃO INDISSOCIÁVEL	
Edmeire Samali Alencar de Brito Clecia Simone Gonçalves Rosa Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.6641911039	
CAPÍTULO 10	123
<i>BRAZIL INSTRUMENTARIUM</i> : TIMBRE E IDENTIDADE CULTURAL	
Alice Lumi Satomi Lucas Benjamin Potiguara	
DOI 10.22533/at.ed.66419110310	
CAPÍTULO 11	138
DUQUE DE CAXIAS (RJ) SITUAÇÃO PARADOXAL: CRESCIMENTO ECONÔMICO X DESENVOLVIMENTO SOCIAL BAIXO	
Fernando Ribeiro Camaz	
DOI 10.22533/at.ed.66419110311	
CAPÍTULO 12	155
MACAÉ COMO CIDADE MÉDIA PELA ATRAÇÃO DE MOBILIDADES PENDULARES	
Célio Quintanilha Felipe Nascimento Lucas Maia	
DOI 10.22533/at.ed.66419110312	
CAPÍTULO 13	169
AUTOSSEGREGAÇÃO E ESPAÇOS RESIDENCIAIS FECHADOS NO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO (SALVADOR, BA)	
Rinaldo de Castilho Rossi	
DOI 10.22533/at.ed.66419110313	
CAPÍTULO 14	185
A ÁGUA QUASE MINERAL... QUEM QUER COMPRAR?	
Marlucia Ribeiro Sobrinho Adinoraide Oliveira dos Santos Ronaldo Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110314	
CAPÍTULO 15	199
CRIAÇÃO DO “ESPAÇO CAATINGA” E OS DESAFIOS DA ARBORIZAÇÃO EM ESCOLAS PÚBLICAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO	
Matheus Henrique Coutinho Bonfim Paulo Roberto Ramos Antonio Pereira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.66419110315	

CAPÍTULO 16	209
DO MANGUEZAL À COMUNIDADE: EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA O DESCARTE CORRETO DE RESÍDUOS SÓLIDOS	
Melissa Ferreira Santos Marcos Paulo dos Santos Maria Carolina Lima Farias Alexandre Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110316	
CAPÍTULO 17	216
CICLO DA MINERAÇÃO E FORMAÇÃO DE PEQUENAS CIDADES NA SERRA DO SINCORÁ-BAHIA: O EXEMPLO DE LENÇÓIS	
Dante Severo Giudice Michele Paiva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110317	
CAPÍTULO 18	229
O LICENCIAMENTO AMBIENTAL E A ANÁLISE ESPACIAL DOS POSTOS DE COMBUSTÍVEIS EM RIO VERDE – GO	
Andréa dos Santos Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110318	
CAPÍTULO 19	244
INICIATIVAS ESTATAIS FAVORÁVEIS AO INVESTIMENTO DA REFINARIA PREMIUM I E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM BACABEIRA (MA): PERMANÊNCIAS E PERSPECTIVAS	
Hellen Mayse Paiva Silva Antonio José de Araújo Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110319	
CAPÍTULO 20	261
NOVAS CONSTRUÇÕES, NOVAS OCUPAÇÕES E NOVOS DESABAMENTOS: A VELHA “MALANDRAGEM” NA DINÂMICA IMOBILIÁRIA DA LAPA	
Flavio Sampaio Bartoly	
DOI 10.22533/at.ed.66419110320	
CAPÍTULO 21	278
O IMPACTO DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA NA URBANIZAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DE CASO EM PAU DOS FERROS, RN	
Leandro Gameleira do Rego João Freire Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.66419110321	
CAPÍTULO 22	295
PERSPECTIVAS SOBRE DESENVOLVIMENTO, ESCALAS E TRANSFORMAÇÕES EM SEROPÉDICA: O II PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO, O ARCO RODOVIÁRIO METROPOLITANO E OS CONDOMÍNIOS LOGÍSTICOS	
Gabriel Oliveira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.66419110322	

CAPÍTULO 23	307
ANÁLISE ARQUEOMÉTRICA DE OCRES VERMELHOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DO ATLAS	
Luis Carlos Duarte Cavalcante Victor Hugo Gomes Tostes	
DOI 10.22533/at.ed.66419110323	
CAPÍTULO 24	323
ENERGIAS RENOVÁVEIS: UM ESTUDO SOBRE UMA ALTERNATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL	
Francisca Scarlet O'hara Alves Sobrinho Ítalo Ricardo dos Santos Luana Araújo Matos Vívian Moura da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.66419110324	
CAPÍTULO 25	332
PRAÇA ZAGURY: JARDIM SENSORIAL COMO PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL E ARQUITETÔNICO DE MACAPÁ –AP	
Leonardo Oliveira Galiano Manuella Dias Sussuarana	
DOI 10.22533/at.ed.66419110325	
CAPÍTULO 26	345
VERTICALIZAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO DO BAIRRO: ALTERAÇÕES MORFOLÓGICAS NA PAISAGEM DO BAIRRO SANTA MÔNICA – UBERLÂNDIA (MG)	
Leandro Oliveira Silva Winston Kleiber de Almeida Bacelar	
DOI 10.22533/at.ed.66419110326	
CAPÍTULO 27	361
METODOLOGIA PARA INVESTIGAÇÃO DOS IMPACTOS DA INCORPORAÇÃO DO SISTEMA DE AQUECIMENTO SOLAR DE ÁGUA EM CONJUNTO HABITACIONAL NO MUNICÍPIO DE TUPÃ	
Waleska Reali de Oliveira Braga Camila Pires Cremasco Gabriel Ana Laura Klaić Mozena	
DOI 10.22533/at.ed.66419110327	
CAPÍTULO 28	373
INFLUÊNCIAS DOS PROJETOS URBANOS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE PARAISÓPOLIS	
Wagner de Souza Rezende Angélica T. Benatti Alvim	
DOI 10.22533/at.ed.66419110328	
CAPÍTULO 29	397
DIRETRIZES BIOCLIMÁTICAS PARA HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL	
Carolina Mendonça Zina Karyna de Andrade Carvalho Rosseti Luciane Cleonice Durante	
DOI 10.22533/at.ed.66419110329	

CAPÍTULO 30 410

CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DO SÍTIO ENTRADA DO CAMINHO DA CAIÇARA

José Weverton Lima de Sousa

Luis Carlos Duarte Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.66419110330

CAPÍTULO 31 443

ANÁLISE DA VIABILIDADE ECONÔMICA E DIMENSIONAMENTO ASSOCIADO À IMPLEMENTAÇÃO DE PAINÉIS FOTOVOLTAICOS EM UMA EDIFICAÇÃO VERTICAL

Carlos Eduardo Pscheidt

Andréa Holz Pfitzenreuter

DOI 10.22533/at.ed.66419110331

SOBRE O ORGANIZADOR..... 428

VERTICALIZAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO DO BAIRRO: ALTERAÇÕES MORFOLÓGICAS NA PAISAGEM DO BAIRRO SANTA MÔNICA – UBERLÂNDIA (MG)

Leandro Oliveira Silva

Prefeitura Municipal de Uberlândia, Secretaria
Municipal de Educação
Uberlândia-MG

Winston Kleiber de Almeida Bacelar

Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de
Geografia
Uberlândia-MG

RESUMO: Este trabalho consiste na análise das alterações morfológicas ocorridas na paisagem do bairro Santa Mônica devido à intensificação da verticalização do espaço e da diferenciação das tipologias dos edifícios construídos no bairro após o ano de 2000. A verticalização do espaço tem sido observada em diversas cidades de grande e médio porte no Brasil e a cidade de Uberlândia desde a década de 1950 contém dentre os elementos que compõem a sua paisagem os edifícios. A partir da década de 1990 a verticalização se descentralizou e é neste contexto que se inicia a verticalização do bairro Santa Mônica. O trabalho encontra-se dividido em dois tópicos, que abordam respectivamente: a estruturação do espaço intra-urbano de Uberlândia; e, Bairro Santa Mônica: paisagem e moradia.

PALAVRAS-CHAVE: alterações morfológicas, verticalização, espaço intra-urbano.

ABSTRACT: This work consists of the analysis of morphological changes in the landscape of the Santa Mônica neighborhood due to the intensification of the verticalization of the space and the differentiation of the typologies of the buildings built in the neighborhood after the year 2000. The verticalization of space has been observed in several large and medium size cities in Brazil and the city of Uberlândia since the 1950s contains among the elements that make up its landscape buildings. From the decade of 1990 the verticalization became decentralized and it is in this context that the verticalization of the Santa Monica neighborhood begins. The work is divided in two topics, which address respectively: the structuring of the intra-urban space of Uberlândia; and, Santa Monica neighborhood: landscape and housing.

KEYWORDS: morphological alterations, verticalization, intra-urban space.

1 | INTRODUÇÃO

A constituição da paisagem urbana está diretamente atrelada ao processo em que o espaço em questão é concebido – estruturado. Observando-se a estruturação do espaço com base na organização socioeconômica em que a sociedade encontra-se assentada – a *lógica do capital* (SANTOS, [s. d.]), têm-se como

resultado um espaço – e uma paisagem –, fragmentado, estratificado, assim como, a própria sociedade.

Tendo em vista que a sociedade hoje encontra-se organizada por meio da *lógica do capital*, observa-se que “o espaço intra-urbano [...] é estruturado sob a dominação dos interesses de consumo” (VILLAÇA, 2001, p. 330). Assim, observa-se que é por meio desses interesses – os interesses da classe dominante –, que se dá organização do espaço da cidade.

É neste sentido que pode-se afirmar que “uma mudança estrutural dá-se também pela mudança nas formas” (SANTOS, 1997, p. 69). Diante disso, Santos (1997, p. 69) fala da “diferenciação funcional de subespaços”, num processo em que a diferenciação está pautada nos diferentes ritmos, constituindo diferentes *temporalidades*. E nesta diferenciação funcional de subespaços, algumas *localizações* assumem *funções* que lhe conferem, senão uma maior importância, um lugar de destaque na estruturação interna da cidade.

Villaça (2001, p. 333) destaca que há uma “disputa pelas localizações” e, que “a segregação e o controle do tempo de deslocamento dos indivíduos que ela possibilita são decisivos nesta disputa”. Vê-se, portanto, que de acordo com a lógica *societal*, o espaço tende a reproduzir a segregação social. E como afirma Corrêa (2005, p. 60) “da localização diferenciada no espaço urbano dessas classes sociais fragmentadas, emerge a segregação residencial da cidade capitalista”. Conforme Lefebvre (1991, p. 94), “a segregação deve ser focalizada, com seus três aspectos, ora simultâneos, ora sucessivos”, são eles: espontâneos, voluntário e programado.

Este processo de *segregação socioespacial*, desta maneira, ocorre por meio de distintas formas. Como recorda Souza (2005) alguns grupos se auto-segregam, enquanto outros são induzidos à segregação. Além disso, as próprias formas de habitação e sua produção definem diferentes subespaços, diferentes paisagens.

Como resultado desse processo de *segregação espacial*, engendrado pelas estratégias da classe dominante e sustentado por “uma ideologia da felicidade através do consumo”, como define Lefebvre (1991, p. 25), toma-se a terra pelo seu valor de troca, uma vez que por meio da apropriação privada esta se torna mercadoria (CARLOS, 2007). Assim, a estruturação do *espaço intra-urbano* “se processa sob o domínio de forças que representam os interesses de consumo (condições de vida) das camadas de mais alta renda” (VILLAÇA, 2001, p. 328), que desta forma “comanda a apropriação diferenciada dos frutos, das vantagens e dos recursos do espaço urbano” (VILLAÇA, 2001, p. 328).

Esta atuação da elite na estruturação do *espaço intra-urbano*, conforme Carlos (2007, p. 59) provoca “as cicatrizes urbanas, que marcam os bairros, separam e segmentam os lugares, e com isso mudam o sentido da existência humana”. Contribui para a intensificação desse quadro, o aumento do número de condomínios residenciais, tanto horizontais, quanto verticais. Essas novas formas de habitação vêm suprir uma demanda gerada pelas classes de maior poder aquisitivo, e mesmo daqueles

indivíduos pertencentes à camada inferior da pirâmide social, que conseguem por meio das facilidades de crédito e de certa estabilidade financeira, ter acesso a esses imóveis.

A verticalização do *espaço intra-urbano* iniciada nas grandes metrópoles (São Paulo e Rio de Janeiro) se expandiu para outras cidades do território brasileiro e atualmente diversas cidades médias apresentam uma configuração espacial onde esse processo – de verticalização do espaço – é característica marcante. Alguns autores vêm se dedicando ao estudo deste processo em cidades médias, como: Maringá-PR, Londrina-PR, Apucarana-PR, Sorocaba-SP, ver Mendes & Töws (2009), Uberlândia-MG (COSTA, 2010; RAMIRES, 1998; SOARES, 1995), dentre outras.

Nadia Somehk (1997) chama atenção para a inserção dos edifícios na paisagem paulistana na primeira metade do século XX. A autora destaca que num primeiro momento estes eram aceitos somente pelas camadas de médios rendimentos e por uma elite cultural. Todavia, logo passam a ser aceitos e a produção de edifícios expande-se para várias outras cidades do território brasileiro, dentre as quais se encontra Uberlândia-MG, que teve na década de 1950 a construção dos primeiros edifícios (SOARES, 1995).

No caso de Uberlândia também houve resistência da elite num primeiro momento, mas assim como em São Paulo, esta logo aderiu à novidade (SOARES, 1995). A verticalização de Uberlândia esteve concentrada na área central até meados de 1980, quando se intensifica e expande-se para outras áreas, consolidando-se nos anos de 1990 (RAMIRES, 1998).

Após a consolidação da verticalização a produção de edifícios tem aumentado e se diversificado bastante, caracterizando-se, assim, como um elemento importante na estruturação do *espaço intra-urbano* de Uberlândia, fazendo com que este apresente constantes alterações morfológicas, sabendo-se ainda que tais alterações resultam de relações de outra ordem – política, econômica, cultural.

A partir da observação deste processo sentiu-se a necessidade de analisar, nesta cidade, como tem se dado este processo, mais especificamente, no bairro Santa Mônica, que adquiriu devido à concentração de serviços e equipamentos coletivos, tanto públicos, como privados, e ainda, pela sua localização privilegiada no espaço da cidade, uma importância singular neste e tem apresentado significativa alteração em sua paisagem, dado o intenso processo de verticalização iniciado nos anos 1990 (RAMIRES, 1998; SOARES, 1995).

O trabalho a seguir tem por objetivo apresentar as alterações morfológicas na paisagem do bairro Santa Mônica e algumas das implicações resultantes destas no ordenamento do *espaço intra-urbano* de Uberlândia. Para o desenvolvimento da pesquisa foram analisadas imagens de satélite, fotografias aéreas; realizadas pesquisas de campo, e também pesquisa bibliográfica. Foram utilizados dados da Secretaria de Planejamento Urbano (Seplan) da Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e da Caixa Econômica

Federal (CEF).

O estudo encontra-se dividido em dois tópicos: O primeiro apresenta brevemente a estruturação do *espaço intra-urbano* de Uberlândia; enquanto o segundo dividido em dois tópicos, aborda respectivamente a expansão da área construída do bairro Santa Mônica e a análise das alterações morfológicas ocorridas por meio da verticalização do bairro Santa Mônica – com base na apresentação e discussão dos resultados encontrados.

2 | A ESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO INTRAURBANO DE UBERLÂNDIA

A cidade de Uberlândia, localizada na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, no estado de Minas Gerais, tem população de 646.673 habitantes (IBGE, 2013). A cidade que teve sua emancipação política no final do século XIX apresenta desde muito cedo, por meio da atuação da elite local, elementos que contribuíram – como no caso do plano urbanístico elaborado na primeira década do século XX, conforme Soares *et al* (2010, p. 170) para a formação de uma “uma estrutura espacial urbana estratificada, na qual ocorreu a expulsão da população de baixa renda da “nova área” central, estabelecendo-se ali um novo padrão de habitação – sobrados e mansões [...]”.

Nesse período “o espaço da cidade foi sendo ordenado, segundo parâmetros de ordem, progresso e monumentalidade, pelos quais os valores políticos e sociais da elite dominante eram reportados à sua imagem urbana” (SOARES, 1995, p. 112). Do objetivo de criar uma cidade que transmitisse uma imagem “moderna”, “progressista” e “ordenada”, derivaram as estratégias políticas, tais como o primeiro Projeto Urbano de 1907, responsáveis pela estruturação do *espaço intra-urbano* de Uberlândia – estratificado, *segregado*.

Por longo período, a elite local esteve concentrada na área central da cidade, a qual recebia cuidados com a estética e a higienização (SOARES, 1995). Mas, principalmente depois da chegada das indústrias e a consequente construção das vilas operárias (MOURA; SOARES, 2009, v.10, n.32), a configuração espacial da cidade sofre alterações significativas, com a expansão da periferia, tendo, inclusive, implicações sociais e econômicas. Ademais, destaca-se “o excessivo número de terrenos vagos, tanto no centro, como nos bairros”, denunciados pelos jornais da cidade, desde meados de 1930, conforme Soares *et al* (2010, p. 235).

A criação e manutenção desses vazios urbanos presentes na cidade ao longo de seu desenvolvimento, serviram para a elevação do preço da terra urbana, o que se apresenta como um problema no que se refere ao acesso à moradia para a classe de baixa renda. Dificuldade encontrada, desde o início do processo de urbanização da cidade, como recorda Moura & Soares (2009, v.10, n.32). Vê-se, desta forma, um espaço urbano “ordenado” de forma excludente, exclusão evidenciada pelas distintas formas e conteúdo (socioeconômico) dos bairros, bem como, por suas distintas

localizações com relação aos equipamentos e serviços urbanos.

Inserir-se neste contexto – da configuração espacial da cidade, a partir de meados da década de 1950 o processo de verticalização do espaço em Uberlândia, que tem um importante significado para a cidade, devido ao fato das alterações no uso do espaço e na estética deste (SOARES, 1995).

Todavia, é notável a grande expansão e diferenciação das formas de verticalização implantadas na cidade de Uberlândia. Ramires (1998) definiu alguns períodos e tendências que orientaram até meados da década de 1990 o processo de verticalização da cidade. Em linhas gerais, cabe destacar que o autor define os três da seguinte forma: de 1950/70 – surgimento dos primeiros edifícios, ainda concentrados na área central; a década de 1980 é tida como o período de acentuação da verticalização, apresentando elevado número de edifícios construídos, comparado ao período anterior; e, por fim, a consolidação desse processo na década de 1990, ainda predominando na área central, mas já apresentando tendência à descentralização.

Na sequência, Ramires (1998) apresenta os dois eixos de expansão da verticalização em Uberlândia até aquele período para além da área central. Ele destaca a ocorrência desse processo nos bairros Copacabana e Santa Maria. Importante ressaltar que o bairro Santa Maria é vizinho do bairro Santa Mônica e, apesar de apresentar características distintas no padrão arquitetônico das edificações, e também, uma maior intensidade na construção de edifícios na década de 1990, os motivos que impulsionaram o processo de verticalização em ambos são basicamente os mesmos predominando, dentre eles, a presença de instituições, como; a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), o Centro Administrativo da Prefeitura Municipal de Uberlândia (PMU), e ainda de hipermercados (Carrefour), bem como, do Center Shopping.

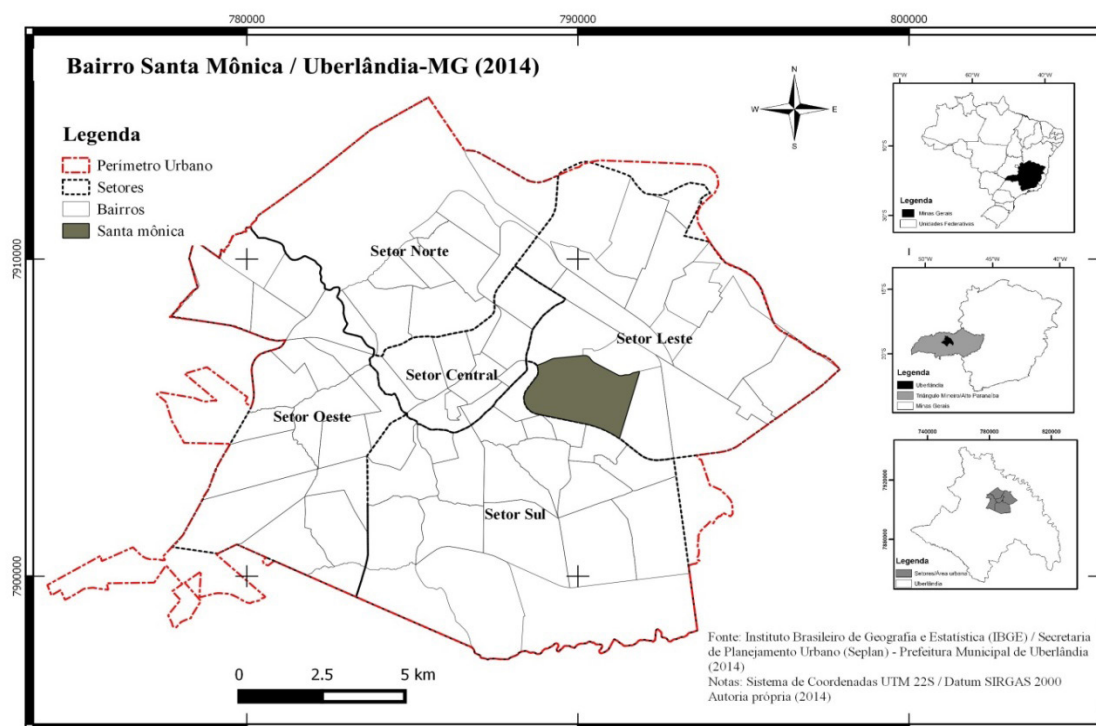
Nos dias atuais, observa-se que o processo de verticalização do bairro Santa Mônica, diga-se de passagem, consolidado, encontra-se em ampla expansão, apresentando uma paisagem particular no *espaço intra-urbano* de Uberlândia, devido à tipologia predominante dos edifícios – até quatro pavimentos.

Levando-se em conta as intensas e rápidas alterações morfológicas na paisagem do bairro Santa Mônica e a importância assumida por este na estruturação interna da cidade de Uberlândia, a seguir será analisado este processo com vistas à sua melhor compreensão.

3 | BAIRRO SANTA MÔNICA: PAISAGEM E MORADIA

O bairro Santa Mônica tem uma importante *função* no *espaço intra-urbano* de Uberlândia, devido à sua localização (ver mapa 1), a poucos quilômetros do centro da cidade, e à sua proximidade a importantes equipamentos públicos e privados (Carrefour, Center Shopping, dentre outros). Possui também grande diversidade de serviços, como o *campus* da UFU, Centro Administrativo Municipal, hipermercado Bretas, um

hospital, agências bancárias, concessionárias e lojas de serviços especializados para veículos, dentre outros.



Mapa 1 – Localização do Bairro Santa Mônica – Uberlândia-MG

ORG.: dos autores (2018)

Segundo a Seplan (2013), com base nos dados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE, o bairro tem uma população de 35.737 habitantes, sendo sua área de 5.74 km². Também de acordo com a Seplan (2013) no bairro foram contabilizados 14.456 domicílios pelo referido Censo. Importante destacar que o bairro é o maior do Setor Leste da cidade, tanto em população, como em área e também possui o maior número de domicílios.

O bairro Santa Mônica foi criado no ano de 1964 pela Imobiliária Segismundo Pereira pelo então prefeito da cidade (proprietário da imobiliária que realizou o loteamento), um ano antes da instalação do já mencionado *campus* da UFU (SOARES, 1988, p.68-69). Neste período a cidade de Uberlândia apresentou expressivo aumento do número de loteamentos e conjuntos habitacionais (MOURA; SOARES, 2009, v.10, n.32, p. 31).

Na ocasião foram aprovados doze mil terrenos pela prefeitura, numa área que até então era considerada periférica no *espaço intra-urbano* de Uberlândia. Soares (1988) destaca que até a realização do loteamento o local ainda era coberto por cerrado. Até o final da década de 1970 o bairro ainda era ocupado por população de baixa renda, sendo que, em seu entorno, nas proximidades da UFU já havia a presença de população de renda média (SOARES, 1988).

O bairro Santa Mônica até então era caracterizado por moradias (horizontais) simples e dispunha de uma infraestrutura precária. Todavia, os diversos serviços alocados tanto no seu entorno, como no próprio bairro – o Center Shopping (1992) e o Centro Administrativo (1993) – além da presença da Universidade contribuíram para que este se tornasse demasiado atrativo, assumindo, assim, uma nova *função* no *espaço intra-urbano* de Uberlândia.

No entanto, a ocupação do bairro estava concentrada em determinadas áreas havendo muitos vazios, que correspondem a um alto potencial construtivo. Conforme Costa (2010, p. 57) até o início da década de 1990 “o bairro era caracterizado pelo uso essencialmente residencial, com a presença de pequenos comércios de atendimento local, como mercearias e armazéns, e ocupado predominantemente por pessoas de menor poder aquisitivo”.

É a partir da década de 1990 com a instalação dos equipamentos urbanos e alocação de capital por meio da atuação dos agentes produtores do espaço, que o bairro Santa Mônica começa a sofrer alterações morfológicas mais significativas em sua paisagem. Nesse período começam a ser construídos pequenos edifícios no bairro, contribuindo – em médio prazo – para a alteração do seu *conteúdo* socioeconômico, por meio da especulação imobiliária culminando num processo de *segregação socioespacial*. As alterações morfológicas ocorridas na paisagem do bairro Santa Mônica em função do processo de verticalização serão analisadas a seguir.

3.1 Verticalização do bairro Santa Mônica

A verticalização do bairro Santa Mônica “materializou-se efetivamente na década de 1990” (COSTA, 2010, p. 64), período designado como “descentralização” da verticalização na cidade de Uberlândia (RAMIRES, 1998; SOARES, 1995). Nesse período, em determinados bairros da cidade – incluindo o Santa Mônica, houve uma reformulação na arquitetura dos conjuntos de edifícios, “que melhoraram sensivelmente a qualidade dos edifícios e a vida de seus moradores” (SOARES, 1995, p. 248).

Entretanto, com relação aos edifícios localizados fora da área central da cidade – na década de 1990 – Ramires (1998, p. 187) faz a ressalva de que “a localização fora do núcleo central, bem como a própria composição arquitetônica não fazem desse tipo de habitação uma mercadoria atraente”. Ramires (1998, p. 246) destaca também que neste período “o bairro Santa Mônica está marcado por um perfil mais popular, com edifícios de até três andares, portanto, sem uso do elevador e destinados à classe média baixa”.

Importante salientar que o bairro Santa Maria (que faz divisa com o Santa Mônica) concentrou durante certo tempo a construção de edifícios voltados para a classe de renda média na área em questão. Isso pode ser observado quando Ramires (1998, p. 247) compara os preços médios de aluguéis e venda de apartamentos de alguns bairros de Uberlândia no ano de 1997 – neste ano o valor do dólar americano teve a cotação média de R\$1,08 –, sendo que, enquanto no bairro Santa Maria estes imóveis

eram avaliados em torno de R\$550,00 para aluguel e R\$70.000,00 para venda, no Santa Mônica os valores eram respectivamente R\$300,00 para aluguel e R\$35.000,00 para venda.

Observa-se que após o ano de 2000, como já haviam destacado Soares *et al* (2010) a verticalização caracterizada por edifícios de até quatro pavimentos se consolida no bairro Santa Mônica. Outro fator a ser salientado é a presença de edifícios acima de quatro pavimentos compondo a paisagem do bairro como poderá ser observado na sequência.

3.2 Consolidação da verticalização do bairro Santa Mônica

Desde meados do ano de 2000 a verticalização do bairro Santa Mônica se intensificou bastante e também tem apresentado maior diversificação das *tipologias* e porte dos edifícios. Essa intensificação na alteração da morfologia da paisagem por meio da implantação de empreendimentos imobiliários, mais especificamente de edifícios é resultado de uma conjuntura socioeconômica, na qual por meio da alocação de capital – como no caso da instalação de equipamentos urbanos e da diversificação dos serviços oferecidos – determinada *localização* passa a atrair a população e também a atenção dos agentes imobiliários.

A transferência do Centro Administrativo da PMU (em 1993) – mencionada anteriormente – para um novo prédio localizado no bairro Santa Mônica exemplifica a fala de Villaça (2001), na qual o autor se refere a esse processo como forma de dotar determinadas áreas – via de regra, ocupadas por população de renda elevada – de infraestrutura.

Para Santos (1997, p. 172) “é a maneira com que se dá a produção, e o intercâmbio entre os homens que dá um aspecto à paisagem”. Nesse sentido há *funções* “que são mais suscetíveis de criar novas formas”, são elas: “bancos, hipermercados, o Estado, *shopping-centers* etc., além de certas funções públicas” (SANTOS, 1997, p. 70). Dentre estas “certas funções públicas” pode-se mencionar a UFU e o Centro Administrativo da Prefeitura Municipal – este também representando o Estado.

Estes elementos criados pela atuação dos agentes produtores do espaço na cidade de Uberlândia desencadearam um processo de valorização da terra urbana no bairro Santa Mônica, que culminou na otimização deste espaço por meio da produção de edifícios. Uma vez que a verticalização permite, tanto maior adensamento populacional, como também aumentar o lucro dos promotores imobiliários e proprietários fundiários na comercialização da terra/imóvel (mercadoria), sendo possível multiplicar o número de habitações por terreno.

A construção de edifícios no bairro Santa Mônica no período compreendido entre janeiro de 2005 e novembro de 2013 mensurada pela Seplan e dividida entre as categorias: até quatro pavimentos, acima de quatro pavimentos e mistos, demonstram o quão expressiva se tornou a verticalização neste local e também sua representatividade no *espaço intra-urbano* de Uberlândia. Conforme a Seplan (2013)

– obras aprovadas pela PMU, dados de 2005 (edifícios mistos); de 2007 (edifícios acima de quatro pavimentos); e, de fevereiro de 2012 para todas as tipologias foram omitidos por não apresentarem confiabilidade – dos 922 edifícios até quatro pavimentos aprovados para construção em Uberlândia no período assinalado, 437 estão localizados no bairro Santa Mônica, o que corresponde a praticamente metade dos edifícios deste tipo produzidos na cidade nesse período.

Os edifícios desta categoria têm grande importância para a compreensão da expansão da verticalização do bairro Santa Mônica e da cidade de Uberlândia como um todo, porque, pelo fato de dispensarem o uso do elevador, têm menor custo de produção e, assim, podem ser ofertados a um preço menor no mercado. Processo similar foi observado no bairro Parque Campolim na cidade de Sorocaba – interior de São Paulo – (BARRETO; MENDES, 2009).

No bairro Santa Mônica com base nos dados da Seplan (20013) observa-se desde 2007 uma elevação considerável no número de edifícios aprovados pela PMU, principalmente dos edifícios até quatro pavimentos (ver foto 1). Todavia, seguindo a tendência observada na cidade de Uberlândia é a partir de 2009 – ano da implantação do programa habitacional “Minha Casa, Minha Vida” (PMCMV) da CEF – que a verticalização do bairro aumenta substancialmente, alcançando pela primeira vez desde 2005 a casa das 50 obras de edifícios aprovadas e chegando a 88 unidades aprovadas no ano de 2010, permanecendo próximo de 80 em 2011 e estabilizando em torno de 60 unidades aprovadas nos anos de 2012 e 2013.

O programa habitacional do Governo Federal, PMCMV, estimulou o mercado imobiliário na cidade de Uberlândia proporcionando o aumento na demanda e na procura por habitações, especialmente no bairro Santa Mônica. Porém, ocorreu também um processo de valorização dos imóveis, como mostra a reportagem de 23 de junho de 2011 do jornal *Correio de Uberlândia*, que registra uma alta de 62,5% no valor dos imóveis do bairro Santa Mônica.

Com relação aos edifícios acima de quatro pavimentos (ver foto 2), apesar do número consideravelmente menor de aprovações se comparado aos de até quatro pavimentos, nota-se o aumento no número de aprovações e que a alta coincide também com o ano de 2009, ano de implantação do PMCMV. Os apartamentos de edifícios acima de quatro pavimentos, geralmente, têm um valor mais alto no mercado imobiliário, devido tanto ao custo da produção, como ao padrão construtivo, que na maioria das vezes, visa atender às classes de renda mais elevada. Este fato, atrelado à valorização dos imóveis demonstram que o bairro Santa Mônica tem sofrido alterações no *perfil* socioeconômico da população que aí reside.



Foto 1 – Edifícios até quatro pavimentos - bairro Santa Mônica / Uberlândia-MG

Foto 2 – Edifícios acima de quatro pavimentos (segundo plano) - bairro Santa Mônica / Uberlândia-MG

Autoria própria (2014)

Por meio dos números de obras aprovadas registrados pela Seplan (2013) nota-se que também na categoria de edifícios acima de quatro pavimentos o bairro Santa Mônica tem se destacado na cidade de Uberlândia. Considerando o período que vai de janeiro de 2005 a novembro de 2013 – com exceção do ano de 2007 – obras aprovadas pela PMU, dados de 2007 (edifícios acima de quatro pavimentos); e, de fevereiro de 2012 para todas as tipologias foram omitidos por não apresentarem confiabilidade – que não foi considerado para esta categoria – observamos que aproximadamente um terço das aprovações concedidas pela PMU para os edifícios acima de quatro pavimentos na cidade foram para obras localizadas no bairro Santa Mônica. Nesse período foram aprovadas 285 obras para edifícios acima de quatro pavimentos em Uberlândia, destas, 93 localizadas no bairro Santa Mônica (SEPLAN, 2013).

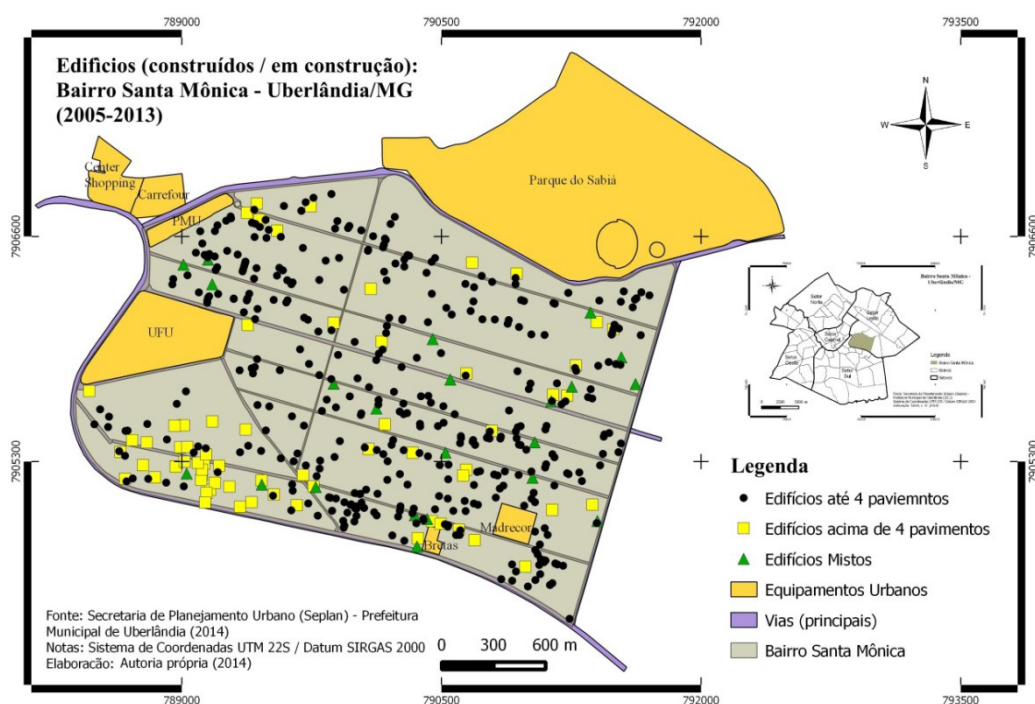
Outro tipo de edifício que também compõe a paisagem do bairro, ainda que em menor número, é o de edifícios mistos. Estes geralmente não ultrapassam dois pavimentos, havendo poucas exceções no período analisado. São denominados mistos por conterem tanto uso residencial, como comercial, característica que tem grande importância para a estruturação da paisagem do bairro. De acordo com os dados da Seplan (2013) entre os anos de 2006 e 2013 foram aprovadas trinta e duas obras de edifícios mistos no bairro Santa Mônica pela PMU, enquanto que em Uberlândia esse número chegou a duzentas e quarenta e sete obras aprovadas. Ou seja, 13% das obras de edifícios mistos aprovadas em Uberlândia no referido período localizam-se no Santa Mônica.

Considerando o fato destes edifícios (mistos) comportarem além de residência, também atividade comercial, pode-se afirmar que têm uma *função* importante na estruturação do espaço. Uma vez que vêm suprir a demanda por produtos e serviços por parte da população que passa a habitar este local. Interessante destacar que são obras particulares sem financiamento direto do governo e parte considerável destes edifícios localiza-se em avenidas que têm também uma *função* importante para o

bairro e também para a cidade enquanto eixos de ligação entre os bairros.

Tanto nas áreas de ocupação mais antiga do bairro, como naquelas ocupadas mais recentemente nota-se a presença de edifícios. Entretanto, apesar do intenso processo de verticalização, o bairro Santa Mônica apresenta em determinadas áreas uma predominância de habitações horizontais. Cabe salientar que também nestas áreas onde predomina o uso horizontal encontram-se edifícios contrastando com o uso predominante – uma paisagem heterogênea.

Com base na observação da paisagem assim como na espacialização dos dados da Seplan (2013), que pode ser observada no mapa 2 – edifícios com endereço incompleto ou com erro de cadastrp não constam no mapa – percebe-se algumas características da verticalização ocorrida no período analisado. Os edifícios mistos como já foi mencionado localizam-se em sua maioria ao longo das principais avenidas – demonstrando que o intenso fluxo de pedestres e veículos torna estas áreas interessantes para o comércio.



Mapa 2 – Bairro Santa Mônica – Uberlândia-MG: Edifícios construídos / em construção (2005-2013)

ORG.: dos autores (2018)

Outra característica interessante a ser destacada é o fato de que apesar de ser possível encontrar edifícios acima de quatro pavimentos em vários pontos do bairro há uma concentração desta *tipologia* nas proximidades da Universidade. Pôde-se observar também uma grande produção de edifícios, sobretudo, daqueles com até quatro pavimentos, na Av. Francisco Ribeiro e seu entorno – nas proximidades

do hipermercado Bretas, apesar de também ser possível encontrar edifícios das demais *tipologias* no local. Também nas proximidades do Hospital e Maternidade Madrecor nota-se uma elevada produção de edifícios até quatro pavimentos, todavia é interessante destacar a grande disponibilidade de lotes vagos nesta área. Fator que certamente tem contribuído para o direcionamento da verticalização para este local.

Os edifícios até quatro pavimentos predominam na paisagem do bairro Santa Mônica e como pode ser observado no mapa 2 eles estão dispersos por todo o bairro. Outro elemento que merece destaque é a presença de condomínios residenciais (verticais), como o “Parque das Árvores” construído na década de 1990 e também o condomínio “Rossi Piazza Praças Residenciais”, lançado em 2011 ao lado da UFU, que foi comercializado pela “Rotina Imobiliária” sob o *slogan* “perfeito para morar” disponibilizando uma série de serviços e opções de lazer na área de uso coletivo dos condôminos, conforme o *blog* da imobiliária.

Toda essa diversidade de *tipologias* e a intensificação da verticalização do bairro que foi apresentada neste estudo são fatores determinantes na diferenciação do bairro Santa Mônica no *espaço intra-urbano* de Uberlândia. Ademais, recorda-se novamente a importância dos equipamentos urbanos que dispõe e aqueles que o cercam, que tiveram e têm papel fundamental para o desenvolvimento e alterações morfológicas da paisagem do bairro.

Isto, porque, o processo de intensificação e diversificação da verticalização resulta numa “mudança estrutural” da paisagem, pois “quando se constroem prédios de quarenta, em lugar de vinte ou trinta e dois andares, é, via de regra, sinal de que outros poderão ser construídos, de que temos atividades e gente para enchê-los, e justificar sua construção” (SANTOS, 1997, p. 69).

Essas alterações da forma da paisagem do bairro Santa Mônica também contribuem para a mudança da relação dos indivíduos (moradores) com o local, como chamou atenção Costa (2010). A forma como se percebe o bairro, as relações de vizinhança, os lugares de encontro se alteram (COSTA, 2010). As constantes alterações na morfologia da paisagem implicam numa redução das possibilidades de uso produzindo relações vazias (CARLOS, 2007, p. 57).

Devido a esta “mudança estrutural” da paisagem e da valorização da terra urbana no bairro Santa Mônica assiste-se a uma alteração do *perfil* socioeconômico dos moradores, sendo que o bairro passa a ser composto por população de renda média e a dispor de serviços voltados para o atendimento das demandas desta classe. Fato que tende a se intensificar, caso o quadro não se altere, uma vez que este processo encontra-se em curso e mantendo relativa estabilidade. Corrobora para isto os vários lotes vagos e os sistemas de crédito imobiliário – que facilitam o acesso à moradia – além da *ideologia* propagada pelas ações de *marketing* dos agentes imobiliários que contribuem para tornar o *morar* no bairro Santa Mônica um interessante negócio.

Assim, percebe-se que as alterações na morfologia da paisagem do bairro Santa Mônica refletem as mudanças ocorridas no *espaço intra-urbano* de Uberlândia pela

criação de uma (nova) *localização*, caracterizada pelo capital imobilizado nos diversos equipamentos urbanos citados. E que, por sua vez, estas novas formas se tornam também condicionantes da reestruturação do espaço e da paisagem num processo dialético.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A verticalização do *espaço intra-urbano* é característica marcante nas grandes metrópoles brasileiras e também tem sido cada vez mais presente nas cidades de médio e grande porte alhures às regiões metropolitanas. Observa-se que o processo de verticalização destas últimas, guarda estreita relação com o ocorrido nas metrópoles, no que tange aos fatores condicionantes e algumas de suas implicações para a estruturação do espaço da cidade. Destacam-se a atuação dos agentes imobiliários (fator econômico), o papel do Estado (fator político) e também a *ideologia* nas suas diversas formas (acarretando em mudanças nos fatores cultural e social).

Observou-se que o bairro Santa Mônica desde sua criação na década de 1960 teve seu espaço produzido atendendo aos interesses do capital o que resultou, sobretudo, após o início da década de 1990 numa intensa alteração nas formas da paisagem deste.

Pôde-se notar que certos elementos foram determinantes para a reestruturação da paisagem do bairro, dentre eles: os diversos equipamentos urbanos instalados no bairro e no seu entorno; a atuação do poder público por meio do direcionamento de recursos para melhoria da infraestrutura; os sistemas de crédito imobiliário; assim como, a atuação dos agentes imobiliários por meio da alteração do espaço construído e das estratégias de *marketing* para a promoção dos negócios no mercado imobiliário. Estes fatores tornaram o bairro Santa Mônica uma *localização* interessante no espaço da cidade de Uberlândia e provocaram concomitantemente a valorização da terra urbana em seus limites.

Observamos também que a produção de edifícios no bairro que já havia sido intensificada a partir do ano de 2000 – além de se diferenciar quanto à *tipologia* dos edifícios – aumenta significativamente após o ano de 2009 com a implantação do programa habitacional “Minha Casa, Minha Vida” da Caixa Econômica Federal. Destaca-se que a diferenciação cada vez maior das *tipologias* e sua distribuição espacial evidenciam a consolidação desta forma de habitação na composição da paisagem do bairro – que adquiriu pela *tipologia* dos edifícios e expansão da área verticalizada uma paisagem singular na cidade.

Percebe-se que esta reestruturação tem contribuído para a *segregação residencial* por meio da valorização dos imóveis no bairro. Nesse sentido ressalta-se também a heterogeneidade da paisagem do bairro sendo possível observar áreas já bastante verticalizadas e outras ainda com a predominância de residências horizontais, algumas

com características simples na fachada, por exemplo. Além da diferenciação da *tipologia* dos edifícios em determinados locais do bairro, observando que a *segregação residencial* encontra-se também no espaço interno do bairro Santa Mônica, como na predominância de edifícios de grande porte – acima de quatro pavimentos – no entorno da UFU, por exemplo.

Por fim, faz-se necessário destacar que este estudo aborda aspectos da geografia urbana por meio de uma categoria específica desta disciplina – *a paisagem*, e não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas procura contribuir para a compreensão da cidade, partindo-se de um local específico, todavia enquanto parte de um fenômeno global *o urbano*.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto-Lei nº 311, de 2 de março de 1938**. Dispõe sobre a divisão territorial do país, e dá outras providências. Brasil, 1938.

BRASIL. **Lei nº 11.977, de 7 de julho de 2009**. Dispõe sobre o Programa Minha Casa, Minha Vida – PMCMV e a regularização fundiária de assentamentos localizados em áreas urbanas; altera o Decreto-Lei nº 3.365, de 21 de junho de 1941, as Leis nºs 4.380, de 21 de agosto de 1964, 6.015, de 31 de dezembro de 1973, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 10.257, de 10 de julho de 2001, e a Medida Provisória nº 2.197-43, de 24 de agosto de 2001. Brasil, 2009.

BARRETO, I. J., MENDES, C. M. A verticalização e o bairro: o caso do Parque Campolim – Sorocaba, SP, período de 1990 a 2004. In: MENDES, C. M., TÖWS, R. L. (Org.). **A geografia da verticalização urbana em algumas cidades médias no Brasil**. Maringá, Eduem, 2009. p. 119-135.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço Urbano: Novos Escritos sobre a Cidade**. São Paulo: Labur Edições, 2007, 123p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ed. Ática, 4 ed., 2005.

COSTA, J. C. **A inserção da (re)produção social do espaço nos circuitos da Reprodução ampliada do capital: uma análise geográfica de (re)produção do bairro Santa Mônica, Uberlândia – Minas Gerais**. 2010. Monografia apresentada ao curso de Graduação em Geografia pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia: UFU, 2010.

FINANCEONE. **Histórico e Cotações do Dólar**. Disponível em: <<http://www.financeone.com.br/moedas/cotacoes-do-dolar>>. Acesso em: fevereiro de 2014.

LAMAS, J. M. R. G. A Morfologia Urbana. In: _____. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **A cidade do Capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 2 ed., 2001.

_____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

_____. **O Direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

MOURA, G. G.; SOARES, B. R. A PERIFERIA DE UBERLÂNDIA/MG: da sua origem até a sua expansão nos anos 1990. **Caminhos de Geografia**. Uberlândia, v. 10, n. 32, p. 22-40, 2009.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima. **A verticalização do espaço urbano de Uberlândia**: uma análise da produção e consumo da habitação. 1998. 319 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ROTINA IMOBILIÁRIA. **Rossi Piazza**, perfeito para morar. Disponível em: <www.blogdarotina.com/archives/rossi-piazza-perfeito-para-voce-morar/>. Acesso em: fevereiro de 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O Estado, o Direito e a Questão Urbana**. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Estado_Direito_e_a_Questao_Urbana_RCCS9.PDF> Acesso em: maio de 2013.

SANTOS, Milton. Da Diversificação da Natureza à Divisão Territorial do Trabalho. In: _____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 4 ed., 2006. p. 84-92.

_____. **A urbanização brasileira**. São Paulo : HUCITEC, 3 ed., 1996. 157p.

_____. Paisagem e Espaço. In: **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: HUCITEC, 5 ed., 1997. p. 61-74.

SILVA, Frederico. Mercado estabiliza e venda de imóveis cai cerca de 30%. **Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 23 Jun. 2011. Disponível em: <<https://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/mercado-estabiliza-e-venda-de-imoveis-cai-cerca-de-30/>>. Acesso em: janeiro de 2014.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Habitação e Produção do Espaço Urbano em Uberlândia**. 1988. 236 f.. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

_____. **Uberlândia**: da cidade jardim ao portal do cerrado – imagens e representações no Triângulo Mineiro. 1995. 347 f.. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. et al.. Uberlândia (MG): Leituras Geográficas de uma cidade média em transição. In: ELIAS, D.; SPOSITO, M. E. B.; SOARES, B. R. (Org.) **Tandil e Uberlândia**: agentes econômicos e reestruturação urbana e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SOMEKH, Nadia. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador**: São Paulo 1929 -1939. São Paulo: Edusp, 1997. 173p.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2 ed., 2005. 192p.

UBERLÂNDIA. **Lei complementar nº 523, de 7 de abril de 2011**. Dispõe sobre o parcelamento do solo do Município de Uberlândia e seus distritos. Uberlândia, 2011.

UBERLÂNDIA. **Lei complementar nº 525, de 14 de maio de 2011**. Dispõe sobre o zoneamento e ocupação do solo do Município de Uberlândia e revoga a Lei complementar nº 245, de 30 de novembro de 2000. Uberlândia, 2011.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. **Banco de Dados Integrados de Uberlândia**. Disponível em: <<http://uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso em: janeiro de 2014.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. **Bairros Integrados**. Disponível em: <<http://uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso em: julho de 2013.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. **Dados da evolução das Construções Habitacionais**. Disponível em: <<http://uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso em: julho de 2013.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. **Obras aprovadas**. Disponível em: <<http://uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso em: julho de 2013.

UBERLÂNDIA. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano. **População**. Disponível em: <<http://uberlandia.mg.gov.br>>. Acesso em: julho de 2013.

VILLAÇA, Flávio. Espaço intra-urbano: esse desconhecido. In: _____. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001. P. 17-26.

_____. Segregação e estruturação do espaço intra-urbano. In: _____. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP: Lincoln Institute, 2001.p. 311-361.

SOBRE O ORGANIZADOR

MARCOS WILLIAM KASPCHAK MACHADO Professor na Unopar de Ponta Grossa (Paraná). Graduado em Administração- Habilitação Comércio Exterior pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especializado em Gestão industrial na linha de pesquisa em Produção e Manutenção. Doutorando e Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com linha de pesquisa em Redes de Empresas e Engenharia Organizacional. Possui experiência na área de Administração de Projetos e análise de custos em empresas da região de Ponta Grossa (Paraná). Fundador e consultor da MWM Soluções 3D, especializado na elaboração de estudos de viabilidade de projetos e inovação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-166-4

